



SUJEITOS HISTORICAMENTE EXCLUÍDOS: *mudanças e permanências no modelo educacional Egkýklia*

Dielson Costa

dielson.costa05@gmail.com

Mestrando em Educação (UFBA)

Orientadora: Profa. Dra. Kelly Ludkiewicz (UFBA)

RESUMO: A educação é a técnica coletiva pela qual uma sociedade inicia sua geração jovem em valores e conhecimentos que caracterizam a vida de sua civilização. Assim, a educação é subordinada a aspectos culturais. Logo, é de se compreender que a educação é palco de discursos de poder e resistência, por vezes, agregadora e/ou desagregadora de minorias; fenômenos, é claro, derivados da cultura de um povo ou da manutenção de um *status quo*. O modelo educacional grego *Egkýklia*, inicialmente totalmente excludente, ao longo do período clássico e helenístico teve que “conviver” com a necessidade de inserir indivíduos marginalizados nesse processo, ainda que isso tenha ocorrido de forma adequada a manter uma sociedade extremamente patriarcal e elitizada. Neste presente artigo, o objetivo é apresentar as nuances, mudanças e permanências deste modelo educacional em relação a mulheres, escravos e pobres durante o período clássico e helenístico.

PALAVRAS-CHAVE: Antiguidade; Gênero; História; Mulheres; Pobres.

RESUMEN: La educación es la técnica colectiva mediante la cual una sociedad introduce a su joven generación en los valores y conocimientos que caracterizan la vida de su civilización. Así, la educación se subordina a los aspectos culturales. Por lo tanto, es comprensible que la educación sea el escenario de discursos de poder y resistencia, agregando y/o

desagregando a veces a las minorías; fenómenos, por supuesto, derivados de la cultura de un pueblo o del mantenimiento de un *statu quo*. El modelo educativo griego *Egklykia*, inicialmente totalmente excluyente, a lo largo del período clásico y helenístico, tuvo que “convivir” con la necesidad de insertar a los marginados en este proceso, aun cuando esto ocurriera adecuadamente para mantener una sociedad extremadamente patriarcal y elitista. En el presente artículo, el objetivo es presentar los matices, cambios y permanencia de este modelo educativo en relación con las mujeres, los esclavos y los pobres durante los períodos clásico y helenístico.

PALABRAS CLAVE: Antigüedad; Género; Historia; Mujer; pobre.

INTRODUÇÃO

Este presente artigo visa abordar a *Egklykia* ou *Enklykia*¹, iniciado no período clássico e que teve seu pleno desenvolvimento no período Helenístico, analisando a participação de sujeitos “excluídos” parcial ou totalmente da sociedade como as mulheres, a população mais pobre e os escravos neste processo educacional, através de uma contextualização das fontes deste período.

Ao tratarmos a respeito da educação grega, comumente utiliza-se a expressão *Paidéia*, e por conseguinte, é importante destacar que há uma relação entre este termo e a *Egklykia*. Para Marrou a definição de *Paidéia* é variável (MARROU, 1966, p. 158; SPINELLI, 2016, p. 7), como também nos aponta Jaeger que, por vezes, a define como “formação” (JAEGER, 1994, p. 4), “espírito grego” (JAEGER, 1994, p. 6). Spinelli (2016, p. 605) enfatiza que: “defini-la como simplesmente educação, é sintetizá-la”, e que o conceito *areté* se aproxima muito mais do conceito de educação que

¹ A expressão grega Εγκύκλια pode ser transliterada como *Egklykia* ou *Enklykia* pois, antes de κ (capa) o gama é lido com som de “n” (ene), de modo que, por vezes, o termo vem transliterado por *enklykia* em respeito à pronúncia. No entanto, a transliteração mais comum e que será utilizada no projeto de pesquisa será *Egklykia*.

Paidéia. Por conseguinte, a *Paidéia* está vinculada ao ideal do cidadão grego, deste modo, refere-se muito mais a uma aspiração “teórica” ou até “filosófica” de um objetivo fim, e que é traduzida como educação em seu sentido mais amplo. Enquanto isso, a estrutura educacional para atingir este “ideal” era organizada, na prática do período clássico e helenístico, através de estudos cíclicos que eram conhecidos pela expressão *Egkyklia* (*Εγκύκλια*). Assim, por vezes, é apresentado também a expressão conjunta *Egkyklios Paidéia* para se referir a essa estrutura educacional (SPINELLI, 2016, p. 8). No entanto, como não nos cabe realizar uma discussão pormenorizada a respeito de ambos os termos, nos concentraremos na utilização da expressão *Egkyklia*.

A *Egkyklia* era um termo de uso habitual entre os gregos durante o período clássico, ainda que extremamente distinta do que seria posteriormente, denotando neste primeiro momento, por vezes, apenas aquilo que é cíclico, ou até mesmo uma ideia de cultura geral. O uso da expressão *Egkyklia* era comum ao longo de todo período helenístico, chegando até a estar presente em textos do período do imperador romano Vespasiano e em textos medievais. Seu significado específico variou de acordo com a época e a localidade. De acordo com Plutarco, *Egkyklia* era utilizado na Grécia Arcaica para denominar aquilo que é circular, a *Egkyklia*, então, apresentava a ideia de uma educação cíclica, ou seja, com períodos bem definidos: destarte, o educando completava um curso para ingressar em outro posteriormente e, portanto, apresentava um conjunto de saberes gerais fundamentais (Plut., *Moralia*, 1, 10). Ora, a educação grega era fundamental no processo de formação deste ideal de cidadão e estava condicionada diretamente à transmissão de conhecimentos válidos para uma sociedade (JAEGER, 1994, p. 4).

Durante boa parte do período clássico, a educação era voltada sobretudo para uma instrução aristocrática (JAEGER, 1994, p. 112). Para Píndaro, a educação só tinha sentido quando dirigida a um nobre, que teria de tornar-se aquilo que ele era, criticando o fato da participação

(embora em minoria) de alguns indivíduos que não faziam parte da elite: "Se tal qual tu aprendeste a conhecer-te enquanto nobre naturalmente, enquanto os neófitos de cultura só sabem por haverem aprendido." (Pind., *Ol.*, II, 94-96). Os aristocratas garantiam uma educação erudita para seus filhos conduzidos pelos pedagogos, figuras de grande destaque durante o período clássico, enquanto os mais pobres eram relegados, no máximo, a um ensino hereditário de uma prática técnica. (MARROU, 1966, p. 152).

Com o advento da democracia em Atenas, a educação passou a ser vista como uma necessidade para o exercício da cidadania, interessando cada vez mais a um maior número de indivíduos. Desta forma, o ensino individual de um preceptor não podia mais dar conta (MARROU, 1966, p. 150), ainda que a educação particular não tenha desaparecido de repente, como pode-se notar em Aristóteles (*Arist., Et. Nic.*, K 1180 b7s) e Quintiliano, referindo-se ao período clássico (Quint., *Inst.*, I, 2). Os próprios pedagogos discutiram ainda, por longuíssimo tempo, sobre as vantagens e os inconvenientes de uma educação cada vez mais coletiva (MARROU, 1966, p. 72).

EGKÝKLIA DURANTE O PERÍODO CLÁSSICO

Em Atenas, no período clássico, a "escola" onde se aprendia a ler, a escrever e a contar, era bem integrada aos costumes: o infante frequenta aulas de três mestres: o *Pedótriba* (instrutor de ginástica), o *Citárista* (o de música) e o *Grammatikós* (o que ensina as letras), sendo este último mais tarde chamado de "o mestre por excelência", ou *Didáskalos* (Sólon, *Frag.* 12-14); (Plat., *Prot.*, 302c); (JAEGER, 1994, 9. 112).

Neste mesmo período, temos o advento dos Sofistas, autointitulados "educadores de homens", definição esta que o próprio Protágoras, segundo Platão, dá de sua "arte" (Plat., *Prot.*, 317b). Os Sofistas abandonaram um plano de educação apenas esportiva ou elementar para

uma educação voltada para a Política (Plat., *Prot.*, 319a), baseada na Dialética de Protágoras e na Retórica de Górgias.

A atuação sofística manteve-se em um ensino elitizado. Protagóras, por exemplo, cobrava uma soma de dez mil dracmas (Diog., Laerc., *Vid. Fil.*, IX, 52) e Isócrates cobrava um pouco menos que isso (Isoc., *C. Sof.*, 3) para ensinar. Em um aspecto geral, o aluno sofístico deveria ser capaz de dialogar a respeito de qualquer coisa e, portanto, deveria apropriar-se de uma cultura geral. (SPINELLI, 2016, p. 10).

De acordo com Platão, os estudos neste formato não eram largamente utilizados, sendo restritos àqueles que tivessem renda suficiente para contratar professores capacitados para ministrar estes ensinamentos (Plat., *Prot.*, 318c). Embora os Sofistas tenham desenvolvido novas características pedagógicas, a *Egklyklia* ainda se manteve elitizada. Xenofonte critica em seu tratado *Da Caça* (Xen., *Eq.*, 13) esta técnica (sofística), que era cara e mantinha os mesmos moldes da antiga educação arcaica e que em nada se diferenciava de uma preparação para a guerra. Muito embora possamos perceber a claríssima ênfase realizada por *Górgias*, destacando que, juntamente com a Filosofia, havia os estudos da Retórica e da Gramática; a Geometria vinculada à Aritmética, Astrologia e Música; e a Medicina, à Alquimia; o que era completamente distinto da *Egklyklia* (Plat., *Grg.*, 450 d; 501 a), que durante o período clássico concentrava-se em ginástica, música, letras e Filosofia (Sólon, *Frag.* 12-14); (Plat., *Prot.*, 302c); (JAEGER, 1994, 9. 112). Tanto a educação no período arcaico, a *Egklyklia* e a educação sofística no período Clássico, mantinham-se elitizadas, sendo a última destas considerada extremamente custosa. Mas, somente a *Egklyklia* tinha ciclos definidos com objetivos fim para cada um deles.

Além de elitizada, a *Egklyklia*, era destinada aos cidadãos do sexo masculino. No entanto, a presença das mulheres no ciclo educacional *Egklyklia* ainda é algo que está em processo de pesquisa, pois, como afirma Cuchet, o registro das crianças era distinto entre homens e mulheres; por vezes, a menina não era registrada, ou até mesmo assumia o nome do pai

(CUCHET, 2015, p. 1, 11). Da mesma forma, apenas os meninos poderiam ser registrados no *lēxiarchikón*, que é o último período do ciclo educacional (CUCHET, 2015, p. 12). Tais questões tem dificultado a identificação da presença feminina na *Egkýklia*, contudo, as fontes antigas apresentam diversas mulheres nas escolas filosóficas, tanto no período clássico, sobretudo na Academia Platônica, como em períodos posteriores. Podemos citar o exemplo das filhas do filósofo Diodoro (séc. III a.C.), Argia, Theognida, Artemisia e Pantaclea, apresentadas por Clemente de Alexandria nos livros *IV Miscelânea* e *Contra Joviniano*, todas elas da escola dialética (Clem., *Al. Strom.*, III, 10a). Outro exemplo é Hipárquia (séc. III a.C.) irmã de Maronitas Metrocles e esposa de Crates, ambos filósofos cínicos, de acordo com o livro III da *Antologia Palatina*, que contava com um epigrama de Antípatro de Sídon intitulado *Para as mulheres*.

De acordo com Xenofonte, havia mulheres que participaram das escolas filosóficas sem terem participado da *Egkýklia* (Xen., *Ec.*, IV, 3, 227a). O autor defendia ainda que esta deveria ser apenas destinada aos homens, e que as mulheres deveriam ser “educadas” por suas genitoras e por seus maridos apenas sobre a administração do lar (Xen., *Ec.*, IV, 3, 229b). Cícero, em *Da natureza dos deuses*, referindo-se à Grécia no século III a.C., narra a história de Leoncio, uma prostituta ateniense, amiga de Epicuro, que teria frequentado a *Egkýklia*, ela também é mencionada nos livros I e II de *Atenas de Naucratis, os deipnosophistes* (Deip., XIII, 597a (13.70.26-29). Cícero comenta que Leoncio havia escrito contra Teofrasto e que considerava o maior absurdo o fato de uma mulher ter falado contra este e contra alguns filósofos (Cic., *Nat. D.*, I, 93).

A obra *Atthis*, escrita por Filocoro de Atenas (séc. IV a.C.), evidencia a presença de mulheres da elite que receberam uma educação particular, principalmente por possuir parentesco com algum filósofo, ou por pertencer a uma família abastada (Philoch., *Atth.*, 35^a). Assim, embora a *Egkýklia* neste momento fosse destinada aos homens, pode-se notar a

figura de algumas mulheres que, seja pela sua posição ou imposição social, foram participantes neste processo de organização da *Egkýklia*.

EGKÝKLIA DURANTE O PERÍODO HELENÍSTICO

Na obra *Política* (I, 7, 1255 b25-40) o termo *Egkýklia* parece ser utilizado para denominar uma instrução adequada, atenta aos detalhes, destinada ao serviço cotidiano tanto dos escravos, como, também, para o aprendizado técnico de alguns cidadãos gregos. Em outra obra Aristotélica, denominada *Tratado do Céu*, a expressão é utilizada para mencionar uma reflexão filosófica relativa às chamadas “coisas divinas”, ou seja, relacionada à Metafísica, fazendo referência então ao ciclo de reflexões relacionadas ao universo, que só o intelecto é capaz de abordar (*Trat.*, I, IV, 279 b).

Ao longo do tempo, o formato da *Egkýklia* foi alterando-se: normalmente, os atenienses dividiam os estudos dos meninos em três períodos de sete anos cada. De acordo com Platão, até os sete anos, as crianças deveriam ficar em casa aprendendo com o pedagogo ou com os pais a ler e a escrever, e questões básicas de convivência, preparando-se, assim, para os dois períodos seguintes. O segundo período da *Egkýklia* consistia em estudos de temas gerais e variados, com vista à preparação ao ofício ou à cidadania, e ali o jovem permanecia até os quatorze anos (Plat., *Banq.*, 181 c.); o próprio Platão afirmara que aos quatorze anos iniciava-se a puberdade (*ephebeia*), quando ao jovem lhe vem despontando a barba e o juízo (Plat., *Banq.*). Enquanto isso, os mais pobres não tinham acesso a nenhum dos ciclos e, por vezes, eram relegados apenas ao estudo técnico (*technikós*). Em seguida, o jovem era inserido no último período do ciclo, comumente chamado de *lēxiarchikón*, que tinha como objetivo introduzir o indivíduo na vida política da *pólis*. Tal organização etária é apresentada na obra de Platão (Plat., *Prot.*, 312 b); em Aristóteles (Arist., *Pol.*, VII, 1336a 23-24; VIII, 1338b 39-1339a8) e em referências posteriores que tratam do período clássico, como na obra de Plutarco (Plut., *Moralia.*, VII, 5 A).

Durante o período helenístico também, os jovens, desde crianças, deveriam dedicar-se ao *logismôn* (estudo de cálculo) e às *propaidéias* (disciplinas preparatórias), tendo a Filosofia como a principal disciplina do ciclo da *Egkýklia*, sendo destinada a melhorar e qualificar o cidadão (Arist. *Repub.*, VII, 536 c – 537 a.). De acordo com Spinelli, juntamente com a Filosofia, vinha os estudos da Retórica e da Gramática; a Geometria vinculada à Aritmética, Astrologia e Música e a Medicina à Alquimia; estas estavam reservadas apenas a linhagens filosóficas, por herança familiar. (SPINELLI, 2016, p. 16)

Tal evolução da *Egkýklia* é abordada em algumas obras Aristotélicas. Em *Política*, este modelo educacional aparece já aplicado ao ofício do criado doméstico “*Egkýklia Diakonémata*” (Arist., *Pol.*, I, 7, 1255 b 25). Para Spinelli, a *Egkýklia* neste momento passou a se referir a todo modelo de educação com disciplinas definidas e, neste caso, o escravo também deveria se apropriar daquelas que lhe seriam úteis em seu serviço cotidiano. O autor completa ainda que a *Egkýklia Diakonémata*, inicialmente destinada aos escravos, posteriormente teve a inclusão de outras disciplinas e foi destinada para outros grupos sociais (SPINELLI, 2016, p. 10). Assim, no período de Aristóteles, a expressão *Egkýklia* também era o conjunto de aprendizados e de conhecimentos relacionados ao trabalho serviçal, que consistia em um conjunto de habilidades manuais e específicas, com o objetivo de qualificá-lo para uma determinada habilitação. Para tanto, existiam oficinas com os mais variados tipos de ensinamentos técnicos (Arist., *Pol.*, I, 7, 1255). Assim, neste momento, a *Egkýklia* estava ligada principalmente às tarefas do cotidiano como, por exemplo, a culinária ou a organização doméstica, mas, também, era ao mesmo tempo um conjunto de estudos gerais. Era exigência, inclusive, dos gregos, que os serviçais se apropriassem do ciclo da *Egkýklia* (Arist., *Pol.*, III, 5, 1277 b 1), a fim de uma formação mais completa.

Já para os escravos pedagogos, cabia o aprendizado voltado à instrução filosófica, sendo extremamente comum estarem presente

durante a instrução aos *paîdes*, sendo exigido ainda destes a eloquência, para bem instruir (Plat. *Men.*, 82). Entre os cidadãos mais pobres, o ciclo de estudos *Egkyklia* consistia em um conjunto de estudos técnicos (*technikós*), ao cotidiano dos trabalhos, como afirmara Xenofonte, o qual apresenta que eram os filhos dos obreiros dos ofícios manuais quem normalmente herdavam o trabalho de seu pai; o conjunto de aprendizados repassados para o infante, neste sentido, também era chamado de *Egkyklia* (Xen. *Ec.*, IV, 3, 227a).

Enquanto isso, independentemente da posição social, não havia para as meninas um modelo de educação desenvolvido, muito embora, tenha havido casos de mulheres que eram instruídas, tornando-se poetisas, escribas ou filósofas, muito mais por terem sido incentivadas por seus pais e por pertencerem à elite. Segundo Jaeger (1994), a *areté* própria da mulher grega era a formosura, e o culto da beleza feminina correspondia a um tipo de formação cortesã. A mulher não surgia apenas como um objeto sexual, mas, também e sobretudo, como “dona de casa”, suas virtudes deveriam estar ligadas à modéstia e ao pleno governo do lar, desde a administração dos escravos domésticos até o controle da dispensa. A inferioridade feminina na *pólis* fica evidente, inclusive, no texto de Aristóteles (*Política*, I, 1 260 a-b):

Isto nos leva imediatamente de volta à natureza da alma: nesta, há por natureza uma parte que comanda e uma parte que é comandada, às quais atribuímos qualidades diferentes, ou seja, a qualidade do racional e a do irracional. (...) o mesmo princípio se aplica aos outros casos de comandante e comandado. Logo, há por natureza várias classes de comandantes e comandados, pois de maneiras diferentes o homem livre comanda o escravo, o macho comanda a fêmea e o homem comanda a criança. Todos possuem as diferentes partes da alma, mas possuem-nas diferentemente, pois o escravo não possui de forma alguma a faculdade de deliberar, enquanto a mulher a possui, mas sem autoridade plena, e a criança a tem, posto que ainda em formação. (...) Devemos então dizer que todas aquelas pessoas têm suas qualidades próprias, como o poeta (Sófocles, *Ajax*, vv.405-408) disse das mulheres: ‘O

silêncio dá graça as mulheres', embora isto em nada se aplique ao homem (Arist., *Política*, I, 1260 a-b).

O trecho apresentado, nos apresenta a visão de Aristóteles, e possivelmente de sua época, a respeito de três grupos: As mulheres, que são vistas em posição de inferioridade em relação aos homens, sem autoridade plena, mas, com capacidade de deliberar; os escravos que não possuem essa tal capacidade e as crianças, que estão em formação. Essa visão, evidencia como as mulheres e escravos estavam em posição inferiorizada em relação aos homens livres, e que até mesmo a criança do sexo masculino, poderia ter a capacidade de desenvolver a capacidade de deliberar e ter autoridade plena.

Já na poesia grega, a mulher é apresentada frequentemente como mãe, esposa ou amante, sensualizada, promotora de paixões avassaladoras. Para Jaeger (1994), a transformação da sensibilidade masculina, extremamente comum no período helenístico, foi considerada uma efeminação e que a entrega total dos sentidos cabia às mulheres, enquanto ao homem restaria a Filosofia, a Educação e a Política; completa, destacando que isto fica ainda mais evidente quando enfatiza que o matrimônio por amor não cabia à mulher, por ser difícil surgir nesta o amor, e foi apenas na forma do *eros* platônico que o amor masculino conseguiu, em relação à mulher, a sua expressão poética.

Como fica evidente, não cabia à mulher a educação, muito embora, algumas mulheres ao longo do tempo tenham se destacado por fazerem parte de escolas filosóficas ou por possuírem uma educação refinada, por fazerem parte de uma linhagem familiar que financiava seus estudos. Notemos o que retrata Xenofonte em um de seus diálogos, o *Econômico*:

Mas é isso, Iscômaco, disse, que eu gostaria de saber. Tu mesmo educaste tua mulher de modo que ela fosse tal qual deve ou a recebeste das mãos do pai e da mãe já sabendo cuidar das tarefas que lhe cabem? E o que saberia ela, disse, quando a tomei como esposa? Ao chegar à minha casa, não tinha ainda quinze anos, e, antes disso, vivia sob muitos cuidados para que visse o

mínimo. Não pensas que era bastante chegar sabendo apenas pegar os fios de lã e tecer uma túnica e já ter visto como os trabalhos de tear são distribuídos às servas? Quanto ao controle da alimentação, disse, veio muito bem ensinada, o que, tanto para o homem quanto para a mulher, penso eu, é uma questão do maior interesse. Quanto ao resto, Iscômaco, disse eu, tu mesmo educaste tua mulher para que fosse capaz de cuidar das tarefas que lhe cabem? Não, Por Zeus! Disse Iscômaco, não o fiz antes de oferecer sacrifícios e, com uma prece, pedir que eu, ensinando a ela, aprendendo, conseguíssemos o melhor para nós ambos. Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela e para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora. (Xen, Ec, VI, 226b)

Ora, então considerando que a *Egkýklia* era um ciclo de estudos destinado para o cidadão grego do sexo masculino, e que este visava a capacitação tanto para a formação básica quanto técnica, e que já em meados do período helenístico também a capacitação do cidadão nos estudos filosóficos e para a vida na *pólis*, as mulheres, então, não tinham uma educação estruturada garantida pela *pólis*, ficando a cargo, muitas vezes, de aprendizados transmitidos por outras mulheres mais velhas, frequentemente da própria família, que dedicavam-se a ensinar a cuidar dos afazeres domésticos, a administrar os escravos ou a tear. Isso não significa, no entanto, que não havia mulheres instruídas na Filosofia ou na Política. Podemos destacar também Themista de Lámpsaco (séc. III a.C.), que era esposa de Leonteo de Lámpsaco, que é citada no livro IV de *Les Stromates* como alguém extremamente sábia e usada como método de comparação “mesmo que você seja mais sábio que Themista” (Clem., *Al. Strom.* 3a.). No livro III, capítulo XXV, das *Instituições* por Lactâncio, menciona-se que ela é a única mulher filósofa.

Iscômaco, dialogando com Sócrates, afirmara que as mulheres não tinham uma educação formal, mas, que estas deveriam aprender questões do cotidiano através de uma instrução familiar, por meio da genitora ou do marido (Xen., *Ec.*, IV, 210b). Já na Escola de Alexandria, todas as disciplinas se tornaram obrigatórias e foram divididas em dois blocos, e se constituíram na *Egkýklia Paidéia* e se transformaram em uma posse de

saber amplo. Todos os meninos nascidos de pais cidadãos tinham a obrigação de se envolver com a *Egkyklia*, que tinha um “esquema” organizado de disciplinas obrigatórias e, de modo optativo, aquelas que se referiam aos ofícios.

No Egito Helenístico, por exemplo, de acordo com um papiro apresentado por Hondius, o ginásio parece ter sido sustentado financeiramente e administrado por uma associação que buscava manter um padrão educacional da *Egkyklia* (HONDIUS, 2010 p. 528), que priorizava a escrita inclusive entre as classes menos abastadas (HARD, 1913, IIa). De acordo com Dittenberger, parecia existir um ensino destinado para as mulheres, mas, para este autor, a forma como o ensino para as mulheres é mencionado é apenas superficial, não permitindo um estudo conclusivo (DITTENBERGER, 1883, p. 578).

O ofício do mestre era bastante humilde durante o período helenístico (Diog. Laerc., *Vid. Fil.*, X, 4), era mal pago (FORBES, 1942, p. 3); as cartas epigráficas de Mileto e de Teos, fixam o salário dos mestres de primeiras letras (destinado aos alunos com sete anos de idade) em quarenta dracmas mensais e quinhentas dracmas por ano, o que de acordo com Dittenberger, era tido como a metade de um salário de um trabalhador comum (DITTENBERGER, 1883, p. 577). Já para o período romano, a *Egkyklia* correspondia durante o governo de Vespasiano (69-79 d.C.), a uma escolaridade pública e obrigatória organizada nos mesmos moldes do período helenístico, e destaca-se o fato de que os professores recebiam melhores salários que nos períodos anteriores. Era destinada a todos os cidadãos, independentemente de sua renda, e seu formato influenciou imperadores posteriores, segundo Apuleio (Apul., *Flor.*, 20, 3). Quintiliano (35-96 d.C.) foi o primeiro professor remunerado do governo de Vespasiano, e teve como alunos Plínio, o Moço, e o próprio Imperador Adriano (Quint., *Inst.*, I, 1, 15-18).

CONCLUSÃO

Isto posto, é indubitavelmente necessário identificar os meandros que envolvem a *Egklykia*, a fim de compreender suas transformações e importância como método de ensino no contexto geral da sociedade grega e dos povos helenizados. Tendo em vista que este foi largamente utilizado como instrumento catalisador do processo de incorporação cultural, o que por si só demonstra a importância de tais análises no cenário da historiografia antiga e de suas implicações posteriores. A incandescente associação entre a cultura helenística e os povos posteriores, seja estas durante o período macedônico ou romano, e as práticas de ensino utilizadas durante tais períodos foram instigantes ao presente processo de pesquisa, que levou necessariamente a um aprofundamento na compreensão do uso do termo *Egklykia* e de todas as suas nuances, dentre elas a presença/ausência das mulheres, escravos e pobres neste modelo educacional.

A exiguidade de um modelo educacional destinado a estes indivíduos, torna assim a análise situada neste hiato importantíssima para compreender como a cultura greco-romana nos períodos seguintes perpetua uma noção patriarcal de sociedade e condiciona sujeitos historicamente excluídos a permanecerem em sua situação marginalizada, tendo em vista que todo o “sistema” que é perpetuado pela educação grega e sua posterior aplicação, com grandes alterações temporais, culturais e sociais, mantenha a condição destes indivíduos.

Para recolher os vestígios da presença das mulheres na história e principalmente no período helenístico, onde há um florescer cultural imenso, é necessária uma enorme quantidade de fontes para citar pouquíssimos casos de mulheres, além da necessidade de atualizar o debate sobre a presença feminina nas *pólis* e no que de fato era a sociedade grega. Para completar, os relatos existentes são escritos por homens, e que muitas vezes apresentam apenas uma visão masculina das ideias e dos fatos, relegando diversas mulheres ao esquecimento.

Se compreendermos que a educação é uma forma de perpetuar um *status quo*, utilizada para “formar” indivíduos e, conseqüentemente, é promotora de ideias e valores por vezes dominantes, o não oferecimento de uma educação para as mulheres e modelos “específicos e excludentes” voltados para os escravos e indivíduos mais pobres também “fala” muito sobre isso, pois, a inexistência ou “pouquidade” destes nos círculos de discussão filosófica, nas formações dos ofícios ou nos ensinamentos considerados básicos, nos apresentam uma sociedade em que os escravos e os mais pobres mantinham-se com pouca mobilidade social, e a mulher ficava destinada para o lar e para tudo que tinha relação com ele, como destaca Aristóteles em trecho já citado, “o macho comanda a fêmea” ou “o silêncio dá graça as mulheres” (*Política*, I, 1260 a-b), assim, pondo-a em posição inferiorizada e com pouquíssimas oportunidades de se estabelecer socialmente, diferentemente do que já estaria posto.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Pind. Ol. – *Pindari, Olympia*. (Pindaro, Olímpia)

Arist. Et. Nic. – *Aristocle, Eticha Nicomachea* (Aristóteles, Ética a Nicômaco)

Quint. Inst. – *Quintilianus, Instituzione Oratoria* (Institutos de Oratória)

Sólon. Frag. – *Solon, Fragments* (Sólon, Fragmentos)

Plat. Prot. – *Plato, Protagoras* (Platão, Protágoras)

Diog. Laerc. Vid. Fil. – *Diogenes Laertius, Vitae Philosophorum* (Diogenes Laercio, Vidas e doutrinas dos Filósofos ilustres)

Isoc. C. Sof – *Isocrate, Contre les sophistes* (Isócrates, Contra os Sofistas)

Xen. Eq. – *Xenophon, Echestre* (Xenofonte, Equestre)

Plat. Grg. – *Plato, Gorgia*. (Platão, Górgias)

Clem. Al. Strom. – *Clementis Alexandrini, Miscelani* (Clemente de Alexandria, Miscelanea, Les Stromates)

Xen. Ec. – *Xenophon, Oeconomicus* (Xenofonte, Econômico)

Philoch. Atth. – *Filocorus, Atthis*

Arist. Trat. – *Aristocle, Theologia* (Aristóteles, Tratado do Céu)

Plat. Banq. – *Plato, Simposium* (Platão, Banquete)

Plat. Republ. – *Plato, Politeia* (Platão, República)

Arist. Pol. – *Aristocle, Politica* (Aristóteles, Política)

Plat. Men. – *Platon, Menon* (Platão, Mênon)

Apul. Flor. – *Apuleius, Florida* (Apuleio, Flórida)

Nauc. Deip – Atenas de Naucratis, Deipnosophistes (Naucratis, Deipnosophistes).

FONTES

ANTÍPATRO DE SÍDON. *Epigrama 413, Anthologia palatina*. Séc II a.C. Paris, 1987.

APULEIO. *Flórida*. Tradução de Marco Aurélio. Universidade de Lisboa, 2016.

ARISTOFÁNES. *As nuvens*. Tradução de Gilda Maria Reale Starzynski, Universidade Federal de São Paulo, 2018.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: *The Complete Works of Aristotle*. The Revised Oxford Translation. Edited by J. Barnes. Princeton University Press Editora, 1984.

_____. *Política*. Edição bilingue, tradução de António Amaral e Carlos de Carvalho Gomes, Vega, Lisboa, 1998.

_____. *Traité du Ciel, suivi du traité pseudo-aristotélicien Du Monde*. Ed. J. Tricot, Vrin, Paris, 1986.

CÍCERO. *De Oratore*. Editado por Kazimierz F. Kumaniecki. Bibliotheca Teubneriana. Leipzig, Germany: Teubner, 1969.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Miscelânea e Contra Joviniano - compilado*. Traduzido do texto francês com título Les Stromates. I-V. Tradução para o português por Chapanski, Edição du Cerf, Paris, 1981, <http://remacle.org/bloodwolf/eglise/clementalexandrie/table.html>.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury, Editora UnB, Brasília, 1988.

- DIONÍSIO. *Grammatiké*. Tradução de Chapanski. 2003. 217f. Dissertação de Estudos Linguísticos) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- FILOCORUS. *Atthis*. Tradução de Virgílio Costa. 2007. Università Degli Studi di Roma tor Vergata, Roma, 2007.
- FÍLON DE ALEXANDRIA. *De congressu eruditionis gratia*. Introduction, traduction et notes par Monique Alexandre, Paris: Éditions du Cerf, 1967.
- ISOCRÁTES. Contra os Sofistas. Tradução de Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda. *Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, v.6, n. 2, p. 68-79, 2018.
- JUSTINO. *Les Apologies*. Traduites, avec texte grec, par A. Wartelle, Paris: Éditions du Cerf, 1987.
- MARCO TÚLIO CICERÓN. *De natura deorum*. Lisboa, 1970.
- NAUCRATIS. Athénée de Naucratis. Les Deipnosophistes (livres I et II). Texte établi et traduit par A. M. Desrousseaux. Paris: L'Association Guillaume Budé (Les Belles Lettres), 1956.
- PINDARO. *Olympiques*. texte établi et traduit par Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1970.
- PLATÃO, *Diálogos*: Apologia de Sócrates, Critão, Laquete, Cármides, Lísida, Eutífrone, Protágoras, Górgias. Tradução de Carlos Alberto Nunes, São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- _____. *Górgias*. Tradução: Carlos Alberto Nunes, Grupo Acropolis, São Paulo, 2016.
- _____. *Hípias Maior*. Tradução de Lucas Angioni.. *Archai*, n. 26, Brasília, 2019.
- _____. *Hípias Menor*. Tradução de Vanessa Araújo Gomes. *Codex*, v.2, n.1, p.137-144, 2010..
- _____. *Mênon*. Texto estabelecido e anotado por John Burner; tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Edição PUC-RIO / Editora Loyola, 2001.
- _____. *O Banquete*. Tradução de José Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Difel, 2008.
- PLÍNIO. *História Natural*. Tradução de Eça Almeida. Lisboa: Editora UFL, 1975.
- PLUTARCO. De Alexandri virtute. *Apud. SVF (Stoicorum Veterum Fragmenta)*, Disponível em: <http://archive.org/stream/stoicorumveterum>. Na tradução espanhola de Mendes López Salvá.

QUINTILIANO, Marco Fabio. *Instituzione oratoria*. Traduzione de Orazio Frilli. Bologna: Zanichelli, 1973. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/quintilian>.

SCHWARTZ. *Papiri greci e latini*, 19; Papiro Schwartz. Tradução de Carlos Alberto Nunes, 2016.

SÓLON. Fragmentos 12 a 14. In: _____. *Fragmentos*. Tradução de Carlos Alberto Nunes, 2017.

STERNBACH, Leo. *Gnomologium Vaticanum e codice vaticano graeco 743*. (Texte und Kommentare, 2.) pp. xii e p. 204. Berlin: de Gruyter, 1963. Cloth, DM. 18.

XENOFONTE. *Econômico*. Tradução de Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Sobre a caça. In: _____. *A Arte Equestre*. Tradução Edouard Delebecque. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *História da Educação*. (2ª edição, revisada e ampliada). São Paulo: Moderna, 1996..

_____. *História da Educação e da Pedagogia, Geral e Brasil*. (3ª edição, revisada e ampliada). São Paulo: Moderna, 2006.

BARROS, José D'Assunção. A revisão bibliográfica – uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. *Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora*, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009.

BIAZOTTO, Thiago do Amaral. A construção do(s) helenismo(s): greco-macedônios e autóctones nas obras de Droysen e Momigliano. In: MARTINS, Estevão C. de Resende (org.) et al. *Desafios e caminhos da teoria e da história da historiografia*. Mariana (MG): SBTHH, 2013.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire de mots*. Paris: Klincksieck, t. 1, 1968; t. 2, 1970.

DIELS, Herman & KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 18ª ed., <Unveränderter Nachdruck der 6. Auflage 1951>, Weidmann, Zürich-Hildesheim, 1989.

DE RIJK, Lambertus Marie. Enkyklios paideia: A Study of its Original Meaning. *Vivarium*, nº. 3, A Journal for Medieval and Early-Modern Philosophy and Intellectual Life, Brill, 1965.

GATELL, Rosa Rius. Introducción – Las Filósofas de Gilles Ménage. In: MÉNAGE, Gilles. *Historia da las Mujeres Filósofas*. Barcelona: Herder Editorial, 2009, p. 11-41.

GILES, Thomas Ransom. A tradição de Roma: a formação do cidadão. In: *História da Educação*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1987, p. 31-43.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução Artur Parreira; adaptação para a edição brasileira Monica Stabel; revisão do texto grego Gilson Cesar Cardoso de Souza. 3ª ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MARROU, Henri Irénée. *História da educação na Antiguidade*. São Paulo: Ed. Herder / Edusp, 1966.

MÉNAGE, Gilles. *História de las mujeres filósofas*. Traducción de Mercè Otero Vidal. Ed. Herder; Barcelona, 2009.

MONROE, Paul. *História da educação*. 1ª ed. São Paulo: CEN, 1978.

ORTIZ Y SANZ, José. Vida de Diógenes Laercio. In: DIÓGENES LAERCIO. *Vidas, Opiniones y Sentencias de los Filósofos más Ilustres*. Traducidas por José Ortiz y Sanz, Luis Navarro. Madrid, 1887. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com>.

SPINELLI, Miguel. *Filósofos Pré-Socráticos. Primeiros mestres da filosofia e da ciência grega*. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs (Editora da PUC), 2012.

_____. O conceito grego da egkýklios paidéia e sua difusão no período helenístico. *HYBRIS. Revista de Filosofia*, vol. 7, n. 1. Universidade Federal de Santa Maria, maio de 2016, p. 31-58.

_____. O ciclo de estudos básicos (Egkýklios Paideía) da escolaridade grega. *Educação e Filosofia*, v. 30, n. 60, p. 603-646, jul./dez. 2016.

_____. *Helenização e recriação de sentidos. A filosofia na época da expansão do Cristianismo, séculos II, III e IV*. 2ª ed. revisada e ampliada. Caxias do Sul (RS): Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. Traduzido por Michaela Richter. Introduction and Prefaces to the Geschichtliche Grundbegriffe. *Contributions to the History of Concepts*, 6 (1), p. 1-37, 2011.

_____. História dos conceitos e história social. In: _____. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Traduzido por Wilma Patrícia Maas e Fabiana Angélica do Nascimento. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, 2006. p. 97-118.

PETIT, Paul. *A civilização helenística*. Traduzido por Gilson Cesar Cardoso de Souza e revisado por Alexandre Soares Carneiro. Presses Universitarie, 1962. 1ª Edição Brasileira, 1987.

RABELAIS, François. *A vida de Gargantua e Pantagruel*. São Paulo: Editora Ediouro, 2010.



A SENSUALIDADE COMO MEIO DE MANIPULAÇÃO FEMININA: *o caso do mito de Psiquê e Eros em "O Asno de Ouro" de Apuleio (séc II D.C.)*

Bruna Carolina Monteiro

bruna.c.monteiro@unesp.br
Graduada em História (UEL)

Orientadora: Profa. Dra. Monica Selvatici (UEL)

RESUMO: Esta pesquisa analisa a representação da sexualidade e do erotismo feminino na obra de literatura latina *O Asno de Ouro*, escrita pelo autor romano-africano Apuleio, no século II d.C. A obra satírica é norteadada por temáticas como magia e erotismo, principalmente quando relacionado às personagens femininas que, de maneiras diferentes, exploram sua sexualidade para atingir autonomia. Como foco dessa pesquisa, foi selecionado o mito de Psiquê e Eros, narrado nos livros IV e V da obra, onde a personagem Psiquê faz uso de sua sensualidade para convencer seu esposo a realizar seus desejos. Utilizando a obra literária como instrumento de análise, pode-se compreender os aspectos sociais da época na qual a obra foi escrita, pois ela carrega indícios da visão e interpretação do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade feminina; *O Asno de Ouro*; Apuleio; Psiquê e Eros.

ABSTRACT: This research analyzes the representation of sexuality and female eroticism in the Latin work *The Golden Ass*, written by the Roman-African author Apuleius, in the 2nd century AD. The satirical work is guided by themes such as magic and eroticism, especially when related to female characters, who in different ways explore their sexuality to achieve autonomy. As the focus of this research, the myth of Psyche and Eros was